

século XVII”, quando na realidade apenas havia lido dois livros sobre demonologia. Da mesma forma que o Senador Joe McCarthy, também constituiu suas comissões de investigação e, a seguir, pôs-se a viajar por todo o país para examinar as bruxas, cobrando caro por seus serviços. Era um advogado fracassado que obteve muito sucesso como promotor público durante catorze meses. Dizia que o sinal de uma bruxa é o fato de ela possuir um “familiar” — demônio que toma a forma de animal — e o depoimento que prestou contra sua primeira vítima, Elizabeth Clarke, de Manningtree, Essex, incluía seu testemunho jurado de que vira quatro diabretes — um cão, uma doninha, um galgo e um demônio preto — pertencentes à mulher. (Seus auxiliares também juraram ter visto a mesma coisa.) Seus métodos de arrancar confissões eram menos terríveis do que os dos caçadores de bruxas alemães, porém igualmente eficientes: lançava ao lago mulheres totalmente amarradas para ver se conseguiam flutuar, forçava as vítimas a permanecerem sentadas num tamborete baixo, de pernas cruzadas, até se cansarem e confessarem. Também fazia as pessoas caminharem até que os pés formassem bolhas. Esta última exigia que seus auxiliares se revezassem na vigilância dos que tinham de ficar andando. Um clérigo de setenta anos, John Lowes, de Bury St. Edmunds, teve de ficar acordado durante várias noites, correndo o mais que podia para a frente e para trás dentro de uma sala, até confessar-se culpado de todas as acusações que havia contra ele. Posteriormente, veio a negar sua confissão, mas de nada adiantou: foi enforcado do mesmo jeito.

A Guerra Civil ainda prosseguia, e a tensão encontrava vazão nos julgamentos de bruxas. Quando umas dez pessoas eram condenadas e enforcadas, todos ficavam com a sensação ilusória de que a partir de então tudo melhoraria. Havia julgamentos em massa, e em 1645 dezenove pessoas foram julgadas e enforcadas em Chelmsford. Quatro dos 32 acusados já haviam morrido na prisão, e vários outros lá permaneceram ainda por muito tempo. Em Bury St. Edmunds, dezoito foram enforcados. Hopkins foi responsável por 68 execuções apenas em Suffolk durante o ano de 1645. Mas no ano seguinte a moderação começou a se fazer sentir. Um clérigo de Huntingdon, John Gaule, começou a pregar contra Hopkins ao saber que este pretendia dar início a uma caça às bruxas em sua região. Hopkins esbravejou e ameaçou, a sua autoridade se desmoronava tão rapidamente quanto se havia estabelecido. Recolheu-se à sua casa em Manningtree e morreu de tuberculose naquele mesmo ano. Fora responsável por centenas de mortes em catorze meses. A revogação da lei das bruxas em 1736 — para que o castigo não fosse mais a morte — pôs fim à caça às bruxas na Inglaterra, embora ainda viessem a sofrer perseguições por mais uns cinquenta anos.

Ler de uma só vez numerosos relatos de julgamento de bruxas, como fiz antes de escrever este capítulo, é começar a se sentir um pouco louco. As descrições das torturas fazem indagar se o ser humano tem salvação. Para cada santo, a raça humana produziu cem assassinos capazes das mais vis perversidades. E os verdadeiros absurdos confessados por tantos acusados acrescentam à

tragédia uma nota de farsa discordante. Contudo, por estranho que pareça, a impressão final é de compaixão — uma compaixão que abrange acusados e acusadores. A mente humana não foi feita para a estreiteza, e quando ela se vê aprisionada torna-se superficial e perversa. A verdadeira tragédia de Suffolk, em 1645, não foi o enforcamento de uns cem inocentes por Matthew Hopkins, mas o fato de as pessoas estarem tão sem vida e desmoralizadas que chegavam a aceitar passivamente as execuções. As comunidades de aldeia se haviam transformado em poços de água estagnada onde medrava a pestilência. Em nossa época de grandes metrópoles e comunicação de massa, é difícil compreender tudo isso. Não dá para imaginar esse tipo de estagnação, em que a mente não encontra saída a não ser através da maledicência a respeito dos vizinhos. Com a aproximação do século XIX tudo começou a mudar. O divisor de águas entre o mundo antigo e o nosso mundo atual foi um evento ocorrido em 1740: a publicação do romance *Pamela*. A afirmação parece absurda, mas procuremos analisá-la melhor. Antes de Richardson escrever *Pamela*, a principal forma de publicação “escapista” era o folheto, geralmente intitulado *A Verdadeira Narrativa do Horrível Crime Cometido em York por Fulano de Tal*. Os livros de Defoe, publicados um quarto de século antes de Richardson começar a escrever, são folhetos ampliados contendo “narrativas verdadeiras”. *Pamela* é um romance em forma de cartas, a história de uma moça virtuosa e sua resistência a um pretenso sedutor. É uma história longa, de modo que o leitor podia entrar na vida de outra pessoa e lá permanecer por dias e dias.

Se imaginarmos Jane Austen ou as irmãs Bronte sendo criadas numa aldeia do interior em 1700, poderemos imediatamente compreender a significação do ocorrido. É inegável que ainda assim Jane Austen teria lido Homero, Dante e Shakespeare, torrando-se a inteligente escritora que foi, mas não teria sido a mesma coisa — os clássicos tendem a ser muito vagos. Mas *Pamela* e *Clarissa*, de Richardson, *Julie* (ou *The New Héloïse*), de Rousseau, e *Werther*, de Goethe, eram inteiramente diferentes, por constituírem substancioso alimento para emoções e inteligências. A mente da época era como um pássaro numa gaiola esquecida aberta. Romances e mais romances eram publicados. *Corsair*, de Byron, e *Lady of the Lake*, de Scott, eram novelas românticas em versos. As peças de Shakespeare, Dryden e Sheridan só eram vistas nas grandes cidades, mas aqueles livrinhos de bolso penetravam profundamente nas mais remotas regiões. Naturalmente, é certo que a maioria não sabia ler, mas isso não era tão importante. Todos os interessados podiam aprender — por exemplo, os filhos dos lavradores e os párocos das igrejas.

A criação de “outros mundos” se tornou importante indústria do século XIX. Romancistas como Balzac, Hugo, Dickens e Trollope se dedicaram a criar um mundo variado e complexo como o mundo real. Sempre contamos com a possibilidade de optar por “mundos alternativos”, que vão de Tolstói e Flaubert à mais recente novela na televisão. E sabemos que houve grandes obras literárias antes de Richardson: Chaucer, Malory, Montaigne, Cervantes, Rabelais e Boccaccio. Mas nos esquecemos de que eram tão poucos